



# ARQUEOLOGIA E CONHECIMENTOS TRADICIONAIS NAS COMUNIDADES RIBEIRINHAS: DA TERRA PARA A LOUSA



Secretaria de  
Desenvolvimento  
Econômico, Ciência,  
Tecnologia e Inovação



**AMAZONAS**  
GOVERNO DO ESTADO

Instituto de Desenvolvimento  
Sustentável Mamirauá



ORGANIZADORES/AS  
**Maurício André da Silva**  
**Eduardo Kazuo Tamanaha**  
**Márjorie do Nascimento Lima**





Filomena Maria Nunes da comunidade Boa Esperança,  
RDS Amanã, convida para entrar e espíar.

Foto: Bruno Kelly, Instituto Mamirauá



**AMAZONAS**  
GOVERNO DO ESTADO

Secretaria de  
**Desenvolvimento  
Econômico, Ciência,  
Tecnologia e Inovação**



Márcia Perales Mendes Silva  
Diretora-Presidente da  
Fundação de Amparo à Pesquisa  
do Estado do Amazonas

Instituto de Desenvolvimento  
Sustentável Mamirauá



**Instituto de Desenvolvimento  
Sustentável Mamirauá**

João Valsecchi do Amaral  
Diretor Geral

Emiliano Esterici Ramalho  
Diretor Técnico-Científico

Alexandre Pucci Hercos  
Coordenador de Pesquisa

Eduardo Kazuo Tamanaha  
Coordenador do Grupo de Pesquisa em  
Arqueologia e Gestão do Patrimônio  
Cultural na Amazônia



**Universidade de São Paulo**

Vahan Agopyan  
Reitor

Antonio Carlos Hernandes  
Vice-reitor

**Museu de Arqueologia e Etnologia da USP**

Paulo Antonio DeBlasis  
Diretor

Eduardo Góes Neves  
Vice Diretor



# ARQUEOLOGIA E CONHECIMENTOS TRADICIONAIS NAS COMUNIDADES RIBEIRINHAS: DA TERRA PARA A LOUSA

Ficha catalográfica

Arqueologia e conhecimentos tradicionais nas comunidades ribeirinhas: da terra para lousa / organizadores, Maurício André da Silva, Eduardo Kazuo Tamanaha e Márjorie do Nascimento Lima. -- São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 2021.

120 p. ; il. color.

ISBN: 978-65-993062-2-8

DOI: 10.11606/9786599306228

Obra financiada pelo Governo do Estado do Amazonas com recursos da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas – FAPEAM

1. Arqueologia amazônica. 2. Comunidades Ribeirinhas. 3. Escavações arqueológicas – estudo e ensino. I. Silva, Maurício André da. II. Tamanaha, Eduardo Kazuo. III. Lima, Márjorie.

Elaborado por Mônica da Silva Amaral - CRB-8/7681

**Esta obra é de acesso aberto. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e a autoria e respeitando a Licença Creative Commons indicada.  
Proibido qualquer uso para fins comerciais.**





# ARQUEOLOGIA E CONHECIMENTOS TRADICIONAIS NAS COMUNIDADES RIBEIRINHAS: DA TERRA PARA A LOUSA



Secretaria de  
Desenvolvimento  
Econômico, Ciência,  
Tecnologia e Inovação



**AMAZONAS**  
GOVERNO DO ESTADO









Arqueóloga Luiza Vieira observa o fragmento de cerâmica  
coletado, comunidade Ponta da Castanha, Flona Tefé.

Foto: Bernardo Oliveira, Instituto Mamirauá



# SUMÁRIO

## OLÁ PROFESSOR, PROFESSORA, TUDO BEM?

- |     |  |    |
|-----|--|----|
| 1.  | Professor, professora, espia só!   <i>Maurício André da Silva, Eduardo Kazuo Tamanaha, Márjorie do Nascimento Lima (Organizadores)</i> | 10 |
| 1.1 | Laboratório de Arqueologia do Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá   <i>Eduardo Kazuo Tamanaha</i>                        | 12 |

## VOCÊ CONHECE A ARQUEOLOGIA AMAZÔNICA?

- |      |   |    |
|------|---|----|
| 2.   | Educação patrimonial nos caminhos do Lago Amanã   <i>Maria Tereza Vieira Parente</i>  | 16 |
| 2.1  | Arqueologia Amazônica   <i>Eduardo Kazuo Tamanaha</i>   | 19 |
| 2.2  | Arqueologia do Médio Solimões   <i>Eduardo Kazuo Tamanaha</i>   | 21 |
| 2.3  | Arqueologia da Confluência dos Rios Solimões-Amazonas e Negro - Contexto de Manaus   <i>Carlos Augusto da Silva e Bruno Pastre Máximo</i> | 23 |
| 2.4  | O que a arqueologia tem a ver conosco   <i>Maurício André da Silva</i>  | 26 |
| 2.5  | As coisas que viram patrimônio. Importância da legislação Patrimonial   <i>Carla Carneiro e Maurício André da Silva</i>                   | 28 |
| 2.6  | Colecionamento de coisas, de material arqueológico   <i>Maurício André da Silva</i>   | 31 |
| 2.7  | Como as pesquisas Arqueológicas são realizadas?   <i>Carla Gibertoni Carneiro</i>   | 33 |
| 2.8  | Pequeno roteiro na curta duração. Como se tornar arqueólogo/a na Amazônia   <i>Márcio Amaral</i>  | 38 |
| 2.9  | Caco de pote, pote de gente   <i>Márjorie do Nascimento Lima</i>  | 40 |
| 2.10 | O que são as terras pretas?   <i>Márjorie do Nascimento Lima</i>  | 44 |
| 2.11 | O tempo das coisas e como saber se é antigo ou recente?   <i>Maurício André da Silva</i>  | 46 |
| 2.12 | Histórias de índios: do passado ao presente, tudo parente   <i>Patrícia Carvalho Rosa</i>   | 48 |



## ARQUEOLOGIA COM AS COMUNIDADES DA RDS AMANÃ E DA FLONA TEFÉ

<b>3.</b>	Lembranças da borracha, do patrão e o momento das comunidades   <i>Maurício André da Silva</i>	<b>52</b>
<b>3.1</b>	O território é a floresta, é o rio, é a Reserva   <i>Caetano Franco</i>	<b>54</b>
<b>3.2</b>	O papel da arqueologia na área de Reservas   <i>Márjorie do Nascimento Lima</i>	<b>56</b>
<b>3.3</b>	Cartografias participativas   <i>Caetano Franco</i>	<b>58</b>
<b>3.4</b>	Manejo de fauna em defesa da Sociobiodiversidade: Experiências da pesquisa sobre caça na região do Médio Solimões   <i>Lisley Pereira Lemos</i>	<b>60</b>
<b>3.5</b>	Arqueologia e as plantas   <i>Mariana Cassino</i>	<b>62</b>
<b>3.6</b>	Domesticação de plantas: a relação entre as pessoas e o piquiá   <i>Rubana Palhares Alves</i>	<b>66</b>
<b>3.7</b>	É melhor lembrar ou esquecer? Arqueologia do Lago Tefé   <i>Jaqueline Belletti e Kelly Brandão</i>	<b>69</b>
<b>3.8</b>	Arqueologia e as marcas dos muitos seres que habitam os lugares   <i>Jaqueline Gomes</i>	<b>72</b>
<b>3.9</b>	Arqueologia da FLONA Tefé   <i>Rafael Cardoso de Almeida Lopes</i>	<b>75</b>
<b>3.10</b>	Arqueologia e as práticas funerárias   <i>Anne Rapp Py-Daniel</i>	<b>78</b>
<b>3.11</b>	Conservação Arqueológica - o Lago Amanã e a preservação do patrimônio   <i>Silvia Cunha Lima</i>	<b>82</b>
<b>3.12</b>	Os estudos iconográficos na arqueologia   <i>Erêndira Oliveira</i>	<b>86</b>

## ALGUMAS DICAS PARA TRABALHAR A TEMÁTICA EM SALA DE AULA

<b>4.</b>	Orientações gerais para professores/as	<b>96</b>
<b>4.1</b>	Arqueologia, plantas, domesticação e o piquiá   <i>Maurício André da Silva</i>	<b>98</b>
<b>4.2</b>	Arqueologia, cultura material e arte   <i>Karina Nymara Brito Ribeiro</i>	<b>100</b>
<b>4.3</b>	Arqueologia e as práticas funerárias   <i>Maurício André da Silva</i>	<b>102</b>
<b>4.4</b>	Preservação e conservação da cultura material   <i>Karina Nymara Brito Ribeiro</i>	<b>104</b>
<b>4.5</b>	Introdução à arqueologia   <i>Maurício André da Silva</i>	<b>106</b>

<b>5. AGRADECIMENTOS</b>	<b>110</b>
--------------------------	------------

<b>6. CRÉDITOS</b>	<b>116</b>
--------------------	------------

## ARQUEOLOGIA E AS PRÁTICAS FUNERÁRIAS

### Quais anos escolares posso trabalhar o conteúdo:

- Fundamental II (6º ano ao 9º)
- Ensino Médio e Tecnológico

### Quais disciplinas que podem abordar o tema:

História; Geografia; Português; Sociologia; Biologia; Artes; Filosofia.

### Sugestão de quantidade de aulas:

2 a 3

### Objetivo:

Explorar a morte como um elemento que conecta todas as espécies no planeta e todas as culturas, no caso dos grupos humanos. Aproximar a cultura indígena da cultura ribeirinha, beradeira, amazonense, por meio da passagem.

### Algumas indicações BNCC:

(EF04ER03); (EF08ER03); (EF09ER04); (EF07GE03); (EF05HI08); (EF06HI08).

## AULA 1

- 1 Realize uma roda na sala e proponha um debate sobre o ciclo da vida que todos os seres e pessoas passam, como nascer, crescer, tornar-se adulto, envelhecer e morrer. Explique a importância do luto, para superar a perda de quem se foi e continuar a vida. Converse de forma aberta, sobre o que é a morte e o ciclo da vida.
- 2 Anote na lousa palavras-chaves que os/as estudantes falarem, os sentimentos, como por exemplo saudade, dor, tristeza, etc. Estimule para que conversem se já viram na televisão, novelas, jornais esse assunto, assim como na família.
- 3 Divida a turma em grupos e peça que conversem sobre como é realizado o enterro de um ente querido na comunidade. Sugira anotar todos os detalhes, quantos dias demora o velório, onde e como o corpo é enterrado. Como é feita a cerimônia, o que acontece na comunidade, etc.
- 4 Em casa peçam para que conversem com as famílias como é realizado o enterro de um ente querido na comunidade.

## DICA

Falar abertamente sobre a morte com crianças e jovens na escola é a melhor maneira de lidar com o tema, as crianças acompanham tudo e interpretam o que acontece ao seu redor. Quando um ente querido falece é fundamental falar a verdade e explorar o tema. Muitas vezes a incompreensão leva ao medo, o que pode causar reações emocionais difíceis nas crianças.





Desenhos das urnas funerárias das crianças da Escola Criança Esperança da comunidade de Tauary, FLONA Tefé - Amazonas.

Foto: Maurício André da Silva

## AULA 2

- 1 Com os mesmos grupos de estudantes peçam para que apresentem o que levantaram sobre os sepultamentos e enterros na comunidade. Anote palavras-chaves na lousa.
- 2 Em seguida leia em voz alta ou realize uma exposição sobre a forma como os sepultamentos indígenas eram realizados no Lago Amanã e no Lago Tefé no passado pelos grupos indígenas no texto **A arqueologia e as práticas funerárias** da professora Anne Rapp Py-Daniel.
- 3 Conversem sobre diferenças e semelhanças dos sepultamentos indígenas no passado e como se realizam hoje.
- 4 Conversem sobre quais informações os/as cientistas conseguem obter por meio do estudo dos remanescentes humanos. Discutam o que os alunos acham se no futuro seus ossos forem utilizados para realizar alguma pesquisa.

## AULA 3

Após esse ciclo de ações finalize com alguma atividade prática, como:

- 1 Elaboração de uma redação sobre a morte de um ente querido e como foi todo o processo de sepultamento.
- 2 Realização de um desenho com os materiais disponíveis sobre como os/as indígenas do Amanã e da Flona Tefé eram sepultados no passado.
- 3 Convidar alguma liderança mais velha da comunidade para falar dos entes queridos que se foram e como eles/as fazem para manter a memória viva.